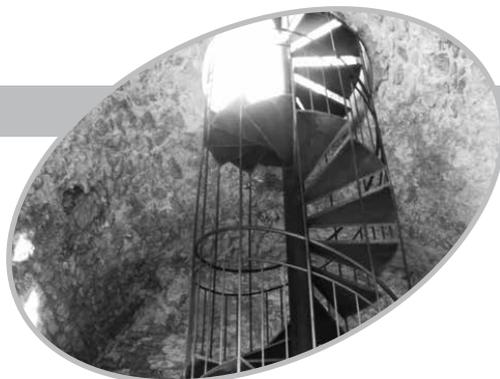


Para além de toda forma de ciência, a experiência sensível



Eduardo Duarte Gomes da Silva

*Doutor em Ciências Sociais pela
Pontifícia Universidade Católica (PUC)
E-mail: edwartte@gmail.com*

Resumo: Este artigo se propõe a uma reflexão teórica sobre duas tradições epistemológicas que concebem o conceito de experiência. A ideia de experiência estética discutida no campo comunicacional por diversas vezes se utiliza de proposições do pensamento pragmático e idealista sem compreender os limites e alcances de eixos metodológicos distintos de proposição. O artigo questiona a possibilidade de ultrapassagem dos limites dos enquadramentos dos conjuntos teóricos em favor da observação do fenômeno da experiência.

Palavras-chave: Idealismo, pragmatismo, experiência, comunicação, sensibilidade.

Mas allá de toda forma de Ciencia, la experiencia sensible

Resumen: Este artículo propone una reflexión teórica sobre dos tradiciones epistemológicas que conciben el concepto de experiencia. La idea de experiencia estética discutida en el campo de la comunicación, muchas veces, utiliza de manera repetida algunas proposiciones de pensamiento pragmático y idealista sin entender los límites y el alcance de los ejes metodológicos distintos de proposición. El artículo cuestiona la posibilidad de superación de los límites de los marcos teóricos a favor de la observación del fenómeno de la experiencia.

Palabras clave: Idealismo, pragmatismo, experiencia, comunicación, sensibilidade.

Beyond all kind of science, the sensitive experience

Abstract: This article proposes a theoretical reflection about two epistemological traditions and their concepts of experience. The idea of aesthetic experience discussed in the Communication field sometimes uses propositions from pragmatic and idealistic thoughts without understanding the limits and the scope of different methodological lines. The article asks about possibilities of exceeding the limits of theoretical frameworks to a better comprehension of the experience phenomenon.

Keywords: Idealism, pragmatism, experience, communication, sensibility.

Num primeiro momento a proposição desse artigo parece não tratar de questões relativas ao nosso campo comunicacional. Aqui não trago um debate sobre qualquer suporte midiático, tampouco sobre um produto específico a ser analisado e refletido. Esse artigo traz uma reflexão teórica e conceitual sobre o sentido de experiência. Minha motivação nasceu após alguns anos trabalhando com diversas abordagens em torno da comunicação e sua experiência estética, e por localizar duas grandes constelações, se assim posso dizer, de proposições epistemológicas sobre os fenômenos sensíveis ligados às produções comunicacionais contemporâneas.

Uma dessas proposições tem base mais idealista e concebe a experiência como um conceito ligado à ideia de algo que se deposita na memória como um saldo do vivido. Deste lugar amadurecem conceitos, valores e padrões de comportamentos. Outra proposição concebe a experiência como algo emergente pragmaticamente das dinâmicas

sociais em ação, sem o crivo de uma reflexão subjetiva, mas, pelo contrário, sendo algo que ocorre na relação direta de experimentação do mundo e seus efeitos.

De alguma maneira, diversos textos da produção científica comunicacional nacional acerca da experiência estética trazem no fundo abordagens subjetivistas, pragmáticas,

Existe uma experiência do pensamento que é capaz de descrever com mais precisão o que se passa no mundo do que o que se experimenta pelos sentidos

ou composições às vezes confusas de partes destes repertórios epistemológicos. Nesses textos, autores de tradições de pensamento complexas são muitas vezes citados em frases de efeito que possam fazê-los dizer o que se pretende dizer em um texto. Tal estratégia simplista de reflexão acaba por deslocar o eixo metodológico de pensamento do autor que originou tal proposição. É o que acontece tantas vezes com apropriações descontextualizadas de autores como John Dewey e Emmanuel Kant: ambos trazem mundos distintos de reflexão sobre a experiência estética que são frequentemente reduzidos, desrespeitando o fundo reflexivo de suas proposições.

A contribuição que penso oferecer com este artigo reflete comparativamente os limites e alcances das abordagens pragmáticas e idealistas, representadas aqui por esses dois autores em relação ao conceito de experiência. Meu intuito é que isso possa de alguma forma levantar a preocupação quanto à coerência teórica no desenvolvimento de nossas ideias para o estudo da experiência estética no campo comunicacional.

Uma vertigem epistêmica

E o véu da leve bruma flutuante começa a dissipar-se quando os dedos da claridade se entrelaçam em seu tecido. E tudo começa pela presença da luz. Os diversos tons de céu se acendem na entrada da luminosidade na atmosfera. As estrelas como cortesãs da noite saem lentamente do cenário quando cores escondidas são despertadas, juntamente com cheiros e tonalidades frias da luz branca que permitem contrastes suaves sobre o relevo das pedras. Um avermelhado intenso esgarça o anil que se transforma em azul cada vez mais claro. O olhar além do mar, ou na linha de colinas que defende o horizonte, nos faz acompanhar a chegada de um novo dia. A claridade aumenta e o vermelho transmuta-se em laranja, revelando a matiz dourada de toda pele e em toda natureza. De toda forma, é preciso fechar um pouco os olhos para vê-lo, mas... ali, por trás da última linha de luz intensa, vem surgindo a fonte da origem do dia, O Sol. E tudo o que os olhos semicerrados podem perceber é que ele surge esquentando o ar, dissipando as brumas, definindo todo o espaço visível à volta. Por essa sensação do visível que ele desperta é que se testemunha, com toda convicção, que ele se eleva acima e em torno de nós, e ergue-se nos céus a extraordinária bola de luz incandescente. Pode-se dizer: o dia nasceu, o Sol se levantou no horizonte.

Não se trata de uma metáfora. O Sol erguer-se no horizonte é uma constatação do senso comum de qualquer pessoa que contemple a aurora, qualquer pessoa presente na experiência direta e imediata com esse fenômeno diário e banal da natureza. Uma experiência que se tornou cientificamente argumentada pelo sistema geocêntrico do grego Claudio Ptolomeu, no início da era cristã. O sistema Ptolomaico justificou por pelo menos 1400 anos a constatação de nossa experiência sensível imediata de um Sol que gira em torno da Terra e se move à nossa volta, levantando-se no horizonte e percorrendo todo o arco celeste, mudando de intensidades ao longo de sua jornada.

Entretanto, o crepúsculo do sistema ptolomaico se anunciou nos derradeiros sons da Idade Média, quando no ano de sua morte, em 1543, um polonês, nascido no último dia do signo de Aquário, publicou uma obra que definiu a aurora da era moderna: *As revoluções celestes*, de Nicolau Copérnico. Nessa obra, Copérnico, através de novos sistemas de equações e cálculos da cartografia celeste, define o Sol como um ponto fixo perto do centro do universo, em órbita do qual estão a Terra e outros planetas. A teoria do polonês provocou um forte impacto e rejeição nas concepções astronômicas da época, pois ela indicava uma ruptura drástica com um sistema consolidado e aceito pela observação cotidiana direta. Copérnico demonstrou que a Terra não se encontra no centro do universo, como se acreditou por toda a era cristã, mas vaga errante num universo vazio, como uma pequena estrela movimentando-se sob leis geométrico-físicas.

Do ponto de vista prático, voltando ao cenário da aurora que desenhamos no início deste artigo, no momento em que o Sol surge, esquentando o ar, dissipando as brumas, definindo todo o espaço visível à nossa volta, ele, na verdade, não se eleva no horizonte. Ele não se ergue nos céus. Muito pelo contrário. É a Terra que se move. É ela que faz produzir toda luz pelo seu movimento orbital em relação ao Sol. Então tudo aquilo que é possível se perceber pela experiência sensível e estética direto da natureza não está de fato acontecendo. Uma nova matriz de dados e cálculos virtualizou nas instâncias do pensamento e da reflexão à explicação do que assistimos todos os dias. Uma inédita compreensão de um fenômeno que os olhos percebem de forma contrária.

O choque copernicano demonstrou que não percebemos o mundo como é, mas que precisamos imaginar a sua realidade pela reflexão, contrariando a impressão dos sentidos para compreender como ela é. Eis o dilema: quando o sol se levanta, o sol não se levanta. Não há correspondência entre a nossa visão e a razão informada pela astrofísica (Sloterdijk, 1992, p. 56).

Uma vertigem. Um mundo que desaba diante das explicações e justificativas da existência de um outro. A vertigem como um choque epistêmico de mundos abalados num susto de percepção da realidade. O desequilíbrio de um sistema cognitivo adaptado a uma circunstância espaço-temporal que bruscamente é modificada. A percepção passa a não encontrar suporte de entendimento do mundo naquilo que se manifesta como novo para ela. A percepção de mundo bruscamente confrontada por outra forma de percebê-lo, que não mais encontra referência na organização anterior, sofre um colapso. O choque a que Sloterdijk se refere da perplexidade da alma ptolomaica diante de uma nova leitura do mundo copernicano.

Se for verdade que não encontramos verdade sobre o mundo naquilo que vemos, ouvimos e sentimos dele numa postura perceptiva passiva primordial, mas que precisamos imaginá-lo além dos testemunhos sensoriais e lê-lo como escrita cifrada, então é próprio dessa verdade provocar vertigem quando refletimos sobre ela (Sloterdijk, 1992, p. 62).

O pensamento experimenta algo completamente fora da experiência comum e direta com o fenômeno assistido, pois a experiência direta é vista aqui como uma ilusão, ao passo que a real é a construída pela nova teoria. Ou seja, existe uma experiência do pensamento que é capaz de descrever com mais precisão o que se passa no mundo do que o que se experimenta pelos sentidos. Costuma-se creditar à obra de Copérnico um dos principais marcos de origem das Ciências Modernas. Naturalmente que as implicações das construções cognitivas da Ciência não se alteraram imediatamente após a abertura das páginas de *As revoluções celestes*. Lentamente, na medida em que tais ideias produziam atenção e reflexão, foi se constituindo um novo capítulo da aventura do pensamento. Começamos a conceber que aquilo que podemos compreender como uma experiência com dado objeto

natural pode ser explicada e descrita mais profundamente pelas abstrações científicas de cálculos, equações e teorias. A ampliação das faculdades de abstração e teorização foi sendo lentamente absorvida e generalizada no cotidiano do fazer científico - e mesmo no de quem nunca soube as origens de tais conhecimentos. Uma alteração profunda em nossa produção cognitiva que redefiniu valores de concepção de realidade.

Embates pragmáticos e idealistas sobre o sentido de experiência

Uma miríade de fenômenos se desdobra a partir de um leve abalo sísmico no fundo de um oceano. Em princípio são apenas placas tectônicas que se roçam a quilômetros de profundidade escura das águas, mas a propagação gradativa de suas ondas de impacto ecoa, ampliando exponencialmente seu efeito, até transformar-se num poderoso tsunami. Naturalmente que os atingidos pelos efeitos das ondas não distinguem de imediato que seu ponto de partida foi acionado por algo aparentemente distante de suas realidades cotidianas. São todos arrastados impiedosamente e uma nova geografia se desenha na costa.

No mundo dos pensamentos e das ideias, choques epistêmicos provocam ecos que se difundem nos campos da ciência, alterando valores, redesenhando uma cartografia de significados em torno de conceitos e práticas longínquas. Seguindo o desdobramento de ondas de impacto, desdobra ideias que se conectam a partir da vertigem cognitiva esboçada por Sloterdijk (1992) anteriormente. Para efeito neste estudo, tomarei como exemplo desses ecos a renovação no significado do conceito de experiência na era Moderna, como foi observada pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (1997) em sua análise do termo para a história enquanto disciplina científica.

A partir do estudo do impressionante e enciclopédico Dicionário Alemão, de 1854,

dos famosos irmãos Grimm (mais conhecidos por suas compilações de antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas da memória popular conservadas pela tradição oral), Koselleck observa que a evolução do conceito de experiência (*Erfahrung*) promoveu alterações profundas no seu sentido original na língua alemã. Esse último tinha o sentido de uma ação de caráter mais processual e prático, que foi lentamente sendo transformado ao longo do período moderno.

Experiência compreendia tanto a ideia de exploração quanto as de pesquisa e de verificação. Tinha, portanto, uma representação mais ativa. Ter uma experiência queria dizer conduzir uma pesquisa, noutras palavras, uma ação direta e prática. Koselleck nota que Experiência foi perdendo sua ideia ativa e foi se tornando mais fisicamente passiva, mais receptiva. Ou seja, o conceito foi se deslocando para descrever as experiências dos sentidos, como visão e tato, e tornando-se cada vez mais subjetiva.

No início dos Tempos Modernos a palavra “experiência” (*Erfahrung*) foi separada de sua dimensão ativa, centrada sobre a ideia de pesquisa; a etapa metodológica da verificação foi colocada entre parênteses ou suprimida. Mesmo se considerarmos o fato de que Grimm se apoiou apenas em textos literários e teológicos, uma restrição progressiva se desenha no uso geral do termo que tende a concentrar a noção de experiência no domínio da percepção sensível e do vivido (Koselleck, 1997, p. 264).

Do ponto de vista da história da língua alemã, uma dissociação ocorreu entre a experiência da realidade vivida de maneira sensível e a experiência como atividade intelectual da realização científica. Em seguida a essa mudança, a partir do século XVIII às noções de bom e de mau foi adicionada a ideia de experiência, enquanto os processos de exploração, método e pesquisa já não estavam mais cobertos pelo conceito.

Em Kant o conceito de experiência ganhou sua torção mais radical. Definitivamente, experiência é para Kant algo da or-

dem da razão e da constituição apriorística dos conceitos. Pra ele o indivíduo só pode experimentar algo que já esteja estruturado conceitualmente. A dimensão sensível e prática são importantes, mas apenas para dar caminho à realização da experiência pela razão. O pensamento apreende e ordena aquilo que experimenta permitindo a realização concreta da experiência, pois ela só pode se realizar pela faculdade do entendimento - o que para Kant é uma faculdade universal da razão. Logo, não é possível conhecer qualquer coisa que já não esteja de alguma forma elaborada no entendimento. Para Kant, as intuições sensíveis seriam cegas sem os conceitos.

Ele ilustra essa reflexão com um experimento mental que chamou de “o selvagem da Nova Holanda” (Kant, 1999, p. 118). Kant sugere que imaginemos uma pessoa, não europeia e sem informações sobre a Europa, sendo levada ao continente e apresentada uma casa a ela. Do lugar de onde vem essa pessoa não há casas. Logo, sem repertório algum de informação ou vivência, ela passa pela experiência de estar diante de uma casa. Ela tem a experiência de casa. Então Kant questiona: como pode ela ter tido uma experiência de casa sem saber o que é uma casa? Alguma experiência se passa, é certo, mas para se ter uma experiência de uma casa não seria preciso ter antes formado o conceito de casa? Numa palavra: “segundo Kant, todo conhecimento começa por uma experiência, mas para que ela possa se realizar como tal a experiência é tributária do julgamento e dos conceitos” (Koselleck, 1997, p. 266). No próprio Dicionário Alemão, os irmãos Grimm definem a maneira de Kant de pensar a experiência:

Para os filósofos atuais a experiência é uma expressão técnica equivalente ao empirismo. Kant diz: a experiência é um conhecimento do objeto através das percepções.

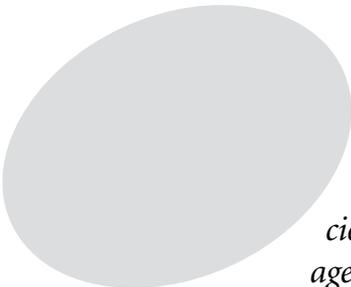
186- Sem uma base/terreno/razão da unidade, seria possível que uma profusão de

acontecimentos preenchesse nossa alma, sem que fossem uma experiência.

647- A experiência é precedida de um julgamento antes que possa ser percebida.

128- A experiência consiste em percepções que pertencem à sensorialidade e a julgamentos que são meramente da seara do intelecto.

122- A experiência se difere de um mero conglomerado de percepções (Grimm, Jacob und Wilhelm, 1864, v. 03).



A busca por regularidades universais cria a dissociação dos mundos teórico e prático, afastando cientistas de seus próprios agentes e sujeitos de estudo

Nesse sentido, a noção de experiência para o idealismo não é nem subjetiva, nem objetiva, mas trata-se da experiência de uma forma absoluta, composta por suas dimensões sensíveis e objetivas, mas realizando-se unicamente no entendimento da razão. A sofisticada elaboração de Kant deslocando o conceito para as estratosferas metafísicas do idealismo é algo bem característico dos tempos modernos e que serviu como inspiração, por sua vez, para a constituição estruturalista das Ciências Sociais.

Na sua crítica ao pensamento estrutural, Pierre Bourdieu chama a atenção exatamente ao deslocamento da compreensão do fato social histórico para matrizes teóricas estruturais que criam um mundo de interpretação à parte do mundo vivido e prático de onde os fatos são observados. Na busca de regularidades e leis que expliquem dimensões da vida prática, disciplinas das ciências

sociais como a psicanálise, a linguística e a antropologia estrutural criaram esquemas que interpretam o mundo por regras que dissociam o pesquisador do próprio contexto onde tais fatos e pensamentos se passam. Para Bourdieu, as ciências sociais estruturais criaram uma dissociação profunda e irreversível entre teoria e prática em que a primeira opera como um mapa que cartografa um território teórico explicativo e não volta a ele para ser validado. Implanta-se então uma interpretação exclusiva que cria leis atemporais sem religá-las ao fluxo diacrônico da prática social. Numa citação de Ziff, diz Bourdieu:

Toda forma de experiência acontece na transação contínua e circular entre o organismo e o seu ambiente; a emoção também acontece nesse percurso

Consideremos a diferença entre as frases “o trem atrasa regularmente dois minutos” e “é regra que o trem tenha dois minutos de atraso”: (...) neste último caso, sugere-se que o fato de o trem estar atrasado em dois minutos faça parte de uma política ou um plano (...). Afirmar que deve haver regras na língua naturalmente falada equivale a dizer que as estradas devem ser vermelhas porque correspondem às linhas vermelhas desenhadas num mapa (Ziff apud Bourdieu, 1970, p. 67).

Como consequência, a ciência afasta-se das dimensões práticas da vida que são repletas de contradições. A busca por regularidades universais cria a dissociação dos mundos teórico e prático, e afasta, sobretudo, os cientistas de seus próprios agentes e sujeitos de estudo pela construção de uma forma de ficção que regule o pensamento.

A indeterminação onde fica a relação entre o ponto de vista do observador e o ponto de vista dos agentes se reflete na indeterminação da relação entre as construções (esquemas ou discursos) que o observador produz para dar razão às práticas e as práticas em si mesmo. Incerteza que vem redobrar a interferência no discurso nativo, visando a expressar ou ajustar a prática, as regras habituais, as teorias oficiais, ditados, provérbios, e os efeitos do modo de pensar que se exprime nesse discurso (Bourdieu, 1970, p. 63).

A crítica de Bourdieu expõe uma oposição radical de fundo entre dois sistemas de pensamento quanto à ideia de experiência no fazer científico. Bourdieu estaria mais próximo do empirismo (Locke, Hume), no qual a experiência prática e direta nos proporciona os conhecimentos humanos, em oposição a um racionalismo clássico (Descartes, Kant), para o qual a experiência direta e sensível, ainda que indispensável, é insuficiente para ordenar a experiência de forma concreta, o que só se daria pelo julgamento do pensamento.

A visão de Bourdieu é partilhada pela escola do pensamento pragmático. Essa última, como uma forma de neo-empirismo, concentra-se em analisar as estruturas dos fenômenos sociais na prática direta dos fenômenos observados.

A concepção pragmática das emoções consiste em apreender a emoção no campo da experiência (na sua realização ou na sua práxis) e mais precisamente como fator de integração da experiência que se realiza (ou em vias de se organizar). Essa experiência ou realização é concebida como uma transação entre um organismo e seu ambiente (Quéré, 2013, p. 01.).

No seu artigo *Notes sur la conception pragmatiste des émotions*, Louis Quéré faz uma densa apresentação da contribuição dos trabalhos de pensadores pragmatistas como Peirce, Mead e James, mas detém-se sobretudo em John Dewey na construção de uma

teoria pragmática das emoções. Nesse terreno, Dewey desenvolveu suas ideias em diferentes etapas ao longo da carreira. Pode-se dizer que o desenvolvimento de uma teoria das emoções em Dewey tem início com seus dois artigos publicados na revista *Psychological review*, em 1894 e 1895. *The theory of emotion (I)*; *Emotional attitudes e The theory of emotion (II)*; *The significance of emotions*, respectivamente. Sua teoria conclui-se 40 anos mais tarde com o livro *Art as experience* (1934). Entre esses dois momentos, ele retoma aspectos de sua teoria em vários outros artigos que são apresentados e discutidos por Quéré em suas notas. Entretanto, para efeito neste trabalho, concentrar-me-ei nos instantes mais relevantes: seus movimentos iniciais e finais de estruturação.

Toda forma de experiência acontece na transação contínua e circular entre o organismo e o seu ambiente. A emoção acontece nesse percurso, como um fator primordial de sentido de aglutinação ao conjunto das experiências dessa transação, formulando o seu aspecto teleológico. De uma forma objetiva, o organismo vivo experimenta o mundo num movimento ativo de integração com seu ambiente, essa posição ativa o coloca em disposição para ser afetado pelos diversos estímulos do ambiente. Esse estado de percepção inicial não é passivo, pelo contrário, o organismo coloca-se em ação para o encontro perceptivo, e desde esse momento a mobilização de efeitos emocionais desencadeia processos fisiológicos que se transformarão em avaliação, ou melhor, em cognição, num instante seguinte. O julgamento ou a avaliação, então, são etapas nas quais o estímulo do ambiente, percebido emocionalmente, transita por cadeias de reação fisiológica até formar impressões que darão origem às ideias. Essas últimas geram hábitos que se acumulam como referências de comportamento em dada situação, vindo em seguida a ampliar, inibir ou reestruturar a emoção em vias de uma ação do organismo em retorno ao am-

biente, fechando e reativando o circuito.

Nesse sentido, os primeiros escritos de Dewey aproximam-se da teoria de William James na relação estritamente fisiológica e comportamental da produção da emoção, nos diz Quéré, estabelecendo um circuito no qual desde o primeiro instante indivíduo e ambiente estão em ação recíproca, e através de uma cadeia de transformações o estímulo percebido conduz a emoção à organização da experiência. Esse percurso objetivo da emoção desenvolve-se como numa intriga, em etapas distintas de acomodação fisiológica e de construção de sentido até retornar ao ambiente como uma ação. Dessa forma, Dewey, em seu primeiro momento, deixa clara a condição da transação ambiente-corpo, sem a qual uma experiência emocional não seria possível, opondo-se claramente à ideia de que a experiência seja formada apenas no caráter subjetivo ou idealista do pensamento. O circuito fisiológico gera um objeto no pensamento, mas a experiência ocorreu antes desse instante.

Curiosamente, é como se Dewey e Kant concordassem em um aspecto: as emoções percorrem um trajeto da impressão direta até o pensamento e deste de volta à relação com o mundo, mas cada um focaliza em uma ponta do processo para fundamentar os termos da linha de pensamento que defendem. Em Dewey já há experiência desde o primeiro instante, em Kant a experiência só se formará no julgo do pensamento. No entanto, o próprio Dewey também reconhece a fase da experiência enquanto ideia rememorada pelo hábito. Quéré, mais uma vez citando Dewey, comenta:

Na verdade, é na forma de atitudes ou de tendências instintivas de ação que se mostram esses atos ou seus movimentos, que foram feitos e completados em si mesmos no passado: “É na redução de atividades realizadas por si mesmas nas atitudes passadas, que agora servem como fatores que contribuem ou como fatores de reforço ou de controle, numa atividade mais ampla,

que temos todas as condições de uma perturbação emocional elevada. (...) A atitude representa um resumo de milhares de atos e objetivos realizados anteriormente; a percepção ou ideia representa uma multiplicidade de atos que podem ser feitos, de fins com base no qual se pode agir (II, p. 29)” (Quéré, 2013, p. 15).

Quarenta anos mais tarde, em *Art as experience*, a teoria das emoções de John Dewey concentra-se na valorização da presença da emoção como o principal elemento a dar sentido a uma experiência. A ênfase dada ao circuito fisiológico não é mais mencionada e toda a atenção do autor localiza-se em apresentar o que faz uma experiência ter uma força estética. Dewey classifica as experiências como sendo estéticas e inestéticas, sendo a primeira o resultado do envolvimento emocional pleno do indivíduo em total fruição com o instante. É o que ele define como um estado de consumação, em comparação às atividades que realizamos automaticamente, de forma inestética, sem a integração profunda dos afetos, sem o envolvimento completo de integração da percepção. Ou seja, a estruturação de uma experiência está diretamente ligada à disposição emocional que se coloca na relação. Sem a emoção, nem sequer poderíamos dizer que houve uma experiência.

Em outras palavras, Dewey pensa a emoção como o elemento que distingue uma experiência autêntica e completa. Na verdade, para ele, tanto uma emoção distingue uma experiência autêntica, como uma experiência autêntica distingue uma emoção, como se uma fosse condição de existência da outra, elas se coproduzem simultaneamente. Nesse sentido, pode-se concluir que existiria uma emoção não autêntica ou uma quase emoção, da mesma maneira como se pode falar de experiência autêntica. Dewey nos permite pensar isso ao argumentar que quando uma sensação provoca uma reação instantânea, como um reflexo, não se pode dizer que uma emoção se constituiu nesse momento, pois ela não teve tempo de estruturar a experi-

ência, ela foi apenas uma simples descarga instintiva do reflexo. Ou seja, um susto, um movimento brusco de reflexo não poderia ser considerado como uma emoção, pois, quando se organiza, a energia emocional gera uma experiência mais completa do que uma simples descarga de energia por reflexo.

● A insuficiência dos sistemas e a busca da unidade do fenômeno

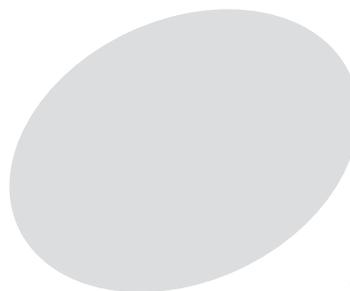
Dewey e Kant concebem a realização de uma experiência a partir dos eixos metodológicos que fundam suas propostas teóricas. Cada sistema de pensamento possui uma lógica específica de organização dos fenômenos, com regras próprias que definam as características e o que é errado afirmar sobre a compreensão do acontecimento. Cada conjunto teórico tenta dar conta de todos os fenômenos envolvidos em todas as situações mobilizadas pela experiência emocional. Nesse sentido, em cada sistema de pensamento existe o que é permitido e o que não é; há interdições e explicações para a forma real como o fato acontece. Logo, é possível perceber que tanto o pragmatismo quanto o idealismo descrevem e explicam de forma clara fenômenos que ocorrem nos processos de formação da experiência emocional. O que nos leva a perceber que os fenômenos em si estão para além de uma escola ou outra - eles não cabem em apenas um dos sistemas. Os acontecimentos são lidos e adequados a partir da proposta teórica utilizada, sendo deixados de lado muitos elementos que não são compreendidos e aceitos pelo eixo metodológico do pensamento escolhido.

Da mesma maneira como as pertinentes críticas de Bourdieu e de Quéré apontam que o pensamento idealista criou várias formas de subjetivismo no pensamento europeu, e que distanciou as ciências sociais dos contextos históricos e objetivos em que os fenômenos sociais acontecem, pode-se também observar limites na reflexão da análise pragmática. Os processos, ou melhor, as transações organis-

mo-ambiente também criam rastros, que podemos chamar de memória. A participação da memória em toda a sua complexidade parece ser esquecida da abordagem pragmática. As experiências emocionais individuais e coletivas criam marcas, formas de resistências que se moldam em hábitos a partir do fluxo emocional das transações. São sulcos ou erosões internas que vão sendo construídos de forma a criar repertório de valores subjetivos que automaticamente geram parâmetros para a qualificação emocional de uma dada experiência dos processos transacionais. Esse repertório, contudo, possui agenciamentos e dinâmicas que funcionam por si mesmos, ou seja, a memória é acionada com ou sem uma relação transacional com o ambiente externo. Dessa forma é possível ter experiências emocionais apenas com ideias por meio do exercício da reflexão, ou durante um sonho, ou numa divagação que remeta, por associação de lembranças distantes, a emoções no presente.

A abordagem pragmática afirma que em princípio a experiência e a emoção são diferentes de sentimentos. Os sentimentos são as emoções já nomeadas que vêm a se formar depois na consolidação reflexiva subjetiva. Mas a constante relação de transação e processos do indivíduo com o ambiente externo, ou mesmo psíquico, cria formas e estruturas a partir das quais nos acostumamos a identificar como repositórias de características que reportamos como sentimentos ou emoções definidas. A partir daí a própria memória tem sua autonomia, e ela pode agenciar inúmeras experiências emocionais independente de qualquer circuito de relação com o ambiente. Em outras palavras, não se trata apenas de uma questão de localizar se a emoção ocorre primeiramente nas relações objetivas ou na subjetividade. O fato é que tanto em uma circunstância teórica como na outra as experiências emocionais são sentidas do mesmo jeito, o que mostra que cada um dos sistemas elabora descrições do fenômeno que são pertinentes até certo ponto.

Essa polêmica mostra alguns entre infindáveis desdobramentos das ondas de impacto do pensamento abstrato propagados nos campos da ciência em valores em torno da experiência emocional. O que me traz de volta aos autores e ideias do início deste artigo como forma de esboçar um olhar de maior unidade de pensamento sobre o fenômeno.



A memória toca a superfície da ação sempre que precisa acionar um repertório de referências de reações imediatas em interação com o mundo

O sentido de experiência do conceito alemão *Erfahrung* deslocou-se de seu significado original em que enfatizava o caráter prático da experiência, migrando para versões mais receptivas e passivas fisicamente. Em seguida, mergulhou nas profundezas da memória e subiu às alturas da razão idealista durante a era Moderna. Entretanto, o próprio Jacob Grimm descrevia essas duas dimensões como indissociáveis, como mostra Koselleck:

E Grimm tinha razão. Ele procurou preservar a unidade globalizante do velho conceito de experiência, porque a experiência receptiva da realidade e a pesquisa produtiva, como forma de verificação dessa experiência vivida, se condicionam mutuamente, são indissociáveis uma da outra. Ele era reticente diante da separação analítica operada entre a percepção sensível, a visão e a audição de um lado, e o ato consciente da pesquisa e da exploração do outro (...)
(Idem, p. 265).

Há uma unidade natural na observação do fenômeno da experiência, que por todo o seu circuito se expressa de maneira emocional. Na transação com o mundo, o corpo se põe

em ação e imediatamente experimenta impactos emocionais como manifestações instantâneas, muitas vezes involuntárias, a partir daquilo que a memória aciona como reação, pois a memória não é apenas um dentro que se esconde, ela não é apenas o que desaparece nos lençóis virtuais da lembrança e transforma-se numa ideia. A memória toca a superfície da ação sempre que precisa acionar um repertório de referências de reações imediatas em interação com o mundo. A memória é formada pelas experiências emotivas, logo, mesmo que inominada, a emoção participa de forma imediata da relação do corpo com o mundo. Ou seja, a experiência, a emoção e a memória compõem as circunstâncias históricas, contextuais e práticas dos fenômenos sociais, assim como produzem um imaginário rico em referências, em estruturas míticas, ideias, crenças e desejos. Elas se encontram religando o mundo dos fenômenos práticos com o mundo dos pensamentos.

Um caminho intuído por Peirce (Stephens, 1981) quando observa que todo cogito antes de tudo é um afeto, um quasi-signo. O esforço de Peirce é de tentar encontrar um lugar para a emoção na lógica, e assim construir uma teoria dos afetos conciliada com uma teoria cognitiva.

Sendo assim, o feeling está na base de sua reflexão cognitivista. O feeling é a qualidade pura, em primeira idade da apropriação cognitiva. Ele não se relaciona com nada fora dele mesmo e são as durações vividas de maneira puramente qualitativa. A percepção entra aí colocando-se em relação com um fato externo. Não é mais uma qualidade pura, mas a consciência se relacionando com outros fatos. A subjetividade é, dessa forma, construída a partir da objetividade.

Para Peirce, a emoção e o prazer nascem como um feeling secundário. Algo que já possui certo conteúdo, certa relação com o mundo exterior. É possível qualificar, nesse sentido, que ela já se torna um signo, pois já é cognitiva. É neste momento (secundidade) que a emoção entra na lógica. Quando surge

um signo, surge aquilo que está no lugar de outro e só se chega a ele por inferência. Uma emoção é, portanto, um signo mental, ela é uma construção e logo pode ser pensada de maneira lógica. Toda emoção é, portanto, um signo, assim como todo signo em primeira instância é proveniente de uma emoção. Então a emoção e a experiência por ela acumulada, bem como a experiência que ela aciona pragmaticamente no mundo, estão na base da trama do pensamento e são componentes cruciais de toda atividade mental.

Dessa forma, como excluir a emoção da composição de nossas ideias científicas, nossas formas de pensar ciência e de escolher procedimentos? A emoção como uma qualidade inicial do signo moveria a escolha de nossas hipóteses, bem como o encadeamento das induções e deduções. As emoções fundamentam as opções epistemológicas e criam as fundações estéticas da normatividade lógica. O que faz desaparecer um lugar privilegiado para a experiência, pois essa última circularia desde os afetos sem nome, acumulados na memória, até seu acionamento prático como um dispositivo lógico. A experiência, assim como a emoção, comporia o método de organização do pensamento.

O exercício de revitalização da experiência e das emoções que tentamos refletir nesse momento implica numa dimensão conceitual de um fenômeno que se apresenta cada vez menos escolástico e cada vez mais vivenciado no campo da Comunicação. A experiência sensível abre ricas possibilidades de conexões, de ramificações para além das instâncias objetivas e classificatórias das pesquisas. Aliás, esses dois territórios epistêmicos se complementam na compreensão de nossos fenômenos comunicacionais. Podemos abordar qualquer tema do universo midiático ou outros fenômenos comunicacionais correlatos sem conseguir esgotá-lo numa explicação, mas ampliando as possibilidades de compreensão.

Recorremos, aqui, à tentativa de descobrir novas possibilidades sobre a constru-

ção de sentidos a partir do estudo da própria ideia de experiência e percepção de um universo de manifestações que podem ser compreendidas para os estudos de comunicação quando consolidamos o sentido de um conceito. Em outras palavras, uma forma de reconstrução epistemológica da ideia de experiência estética. Não estamos falando de epistemologia no sentido moderno - esse já não dá conta da elaboração de uma atividade ao mesmo tempo racional e sensível de compreensão dos fenômenos comunicacionais. Podemos dizer que epistemologia é um con-

junto de conhecimentos teórico-metodológicos ligados simbioticamente que permitem elaborar uma forma de investigar um objeto. Por esse caminho de entendimento talvez possamos nos direcionar a uma epistemologia da experiência estética para os estudos em Comunicação. Epistemologia como um estudo, o estudo como uma expressão do conhecimento e do que se passa em nossos sentidos quando contemplamos o mundo e nos deixamos tocar por algo que nos desterritorializa a percepção e a emoção.

(artigo recebido mar.2015/aprovado mai.2015)

Referências

- BOHM, D. **A Totalidade e a Ordem Implicada**: uma nova percepção da realidade. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les éditions de Minuit, 1970.
- GRIMM, J.; GRIMM W. **Deutsches Wörterbuch**. 16 Bde. in 32 Teilbänden. Leipzig 1854-1961. Quellenverzeichnis. Leipzig, 1971. Online-Version vom 16.03.2013.
- KANT, I. **Réponse à Eberhad** – textes et commentaires. Paris: VRIN Éditeur, 1999.
- KOSELLECK, R. **L'Experience de L'Histoire**. Paris: Galimard/Éditions du Seuil, 1997.
- PEIRCE, Ch. S., *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, (éd.) C. Hatshome & P. Weiss, **Harvard University Press**, Cambridge 1931-1935, vol. 1-6.
- QUÉRÉ, L. Note sur la conception pragmatiste des emotions. Institut Marcel Mauss – CEMS, **Occasional Papers 11**, février, 2013. Disponível em: <<http://lodel.ehess.fr/cems/document.php?id=2358>>
- STEPHENS, G. L., Cognition and Emotion in Peirce's Theory of Mental Activity. In: **Transactions of the C. S. Peirce Society** 17, 1981, p. 131-140.
- SLOTERDIJK, P. **A Mobilização Copernicana e o Desarmamento Ptolomaico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

